

Artigos

## Percepções alusivas a tutoria educacional no Brasil

*Perceptions about educational tutoring in Brazil*

*Percepciones sobre tutoría educativa en Brasil*

Reginaldo Bitencourt de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduado em Letras com Inglês e Português (FESP/UPE); Especialista em Programação do Ensino de Português (UPE); Mestre em Educação (UDE)

✉ [regibiten@gmail.com](mailto:regibiten@gmail.com)

### Palavras-chave:

EAD.  
Tutoria online.  
Tutoria presencial.  
TDIC.

### Keywords:

EAD.  
Online Tutoring.  
Face-to-Face.  
Tutoring.  
TDIC.

### Resumo

Este artigo é parte de pesquisa bibliográfica em que investigamos contribuições acadêmicas e percepções concernentes ao trabalho da tutoria educacional à distância e também presencial. Aqui discutimos, além das nuances próprias do trabalho do tutor e suas implicações, as possibilidades didáticas da educação conectada, inovações tecnológicas digitais em prol do ensino e, como contraponto, os desafios interpostos aos usuários do sistema de tutoria e questões de acessibilidade digital por alunos e profissionais de educação em estudos sob tutoria. Entre os achados, fica evidente a relevância da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, mais tarde, da Universidade Aberta do Brasil (UAB), como dois importantes reforços no arcabouço educacional brasileiro. Somado a isso, discutimos aqui a inegável importância do tutor na humanização de processos educativos, especialmente na criação de um ambiente de empatia, incentivo à interação e motivação entre os atores envolvidos; no trato com a multimídia, as ocorrências das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC), tão imprescindíveis ao trabalho da tutoria. Trata também da problemática de caráter técnico, administrativo ou didático e supõe a necessidade de intervenções equânimes para o perfeito andamento das atividades de forma remota ou presencial. Nesse estudo, então, fica inevitável trazer à discussão algumas questões da educação à distância (EAD), seus ambientes de aprendizagem (AVA) e, por conseguinte, alguns de seus desdobramentos no atual paradigma educativo brasileiro.

### Abstract

This article is part of a bibliographical research in which we investigate academic contributions and perceptions concerning the work of distance and face-to-face educational tutoring. Here we discuss, in addition to the nuances of the tutor's work and its implications, the didactic possibilities of connected education, digital technological innovations in favor of teaching and, as a counterpoint, the challenges posed to users of the tutoring system and digital accessibility issues by students and education professionals in tutoring studies. Among the findings, it is evident the relevance of the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB) and, later, of the Open University of Brazil (UAB), as two important reinforcements in the Brazilian educational framework. In addition, we discuss here the undeniable importance of the tutor in the humanization of educational processes, especially in the creation of an environment of empathy, encouraging interaction and motivation among the actors involved; in dealing with multimedia, the occurrences of digital information and communication technologies (TDIC), so indispensable to the work of tutoring. It also deals with the technical, administrative or didactic problem and assumes the need for equitable interventions for the perfect progress of activities remotely or in person. In this study, then, it is inevitable to bring to the discussion some issues of distance education (EAD), its learning environments (AVA) and, therefore, some of its consequences in the current Brazilian educational paradigm.

## **1 INTRODUÇÃO**

Partamos do pressuposto de que a Educação à Distância (EAD) é uma atividade sem fronteiras. Não é recente que ela vem tomando proporções cada vez maiores na sociedade brasileira e mundial, quebrando paradigmas não somente em relação à educação presencial, mas sobretudo em relação a relações interpessoais e de produção do conhecimento mesmo. Nesse processo histórico, professores, instituições de ensino, estudantes da modalidade à distância ou semi-presencial, e, como é nosso foco aqui, tutores, certamente precisam se adaptar a novas formas de ensinar, gerir procedimentos, ferramentas e aprender a aprender. Isso incluir um novo pensar, sentir, planejar, agir, relacionar e compartilhar conhecimentos.

No bojo dos nossos estudos, trazem-se também à luz, as incontestáveis contribuições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, e um pouco mais recente, em 2005, da Universidade Aberta do Brasil (UAB), como dois importantes reforços no arcabouço educacional brasileiro com a missão de construir um ensino público, gratuito, de qualidade com caráter de universalidade para a diversidade geográfica e populacional do país. De fato, a LDB em seu artigo 80, já estabelecia e fomentava a implementação de “Programas de Educação à Distância”, não somente no ensino superior, mas em outros níveis e modalidades. Essa lei maior do sistema educativo brasileiro propõe o uso das tecnologias digitais na educação, tanto digitais quanto analógicas. Mas, em se tratando de ensino à distância e para nos atermos ao campo específico da tutoria, vamos focar neste texto mais às estratégias e ferramentas de cunho digital, nos moldes das tecnologias digitais da informação e da comunicação, as chamadas TDIC.

Segundo Sobral (2008), “os tutores sabem que não são professores, mas eles podem estimular a produção do conhecimento, dar incentivo, proporcionar a interação e motivação dos alunos.” (p.6). Ainda de acordo com essa autora, em outras palavras, é a tutoria que deve promover a geração do conhecimento coletivo pelos envolvidos e também manejar com poderação e competência as ferramentas de suporte em multimídia em prol do trabalho educativo. Nisso concordamos e defendemos que entre esas ferramentas estão indubitavelmente as tecnologias digitais da informação e da comunicação.

## **2 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ABORDAGENS PELAS TDIC**

Torna-se “lugar-comum” afirmar que o professor e, por extensão, o tutor, deve buscar qualificações no lastro das tecnologias digitais da informação e da comunicação. E obviamente isso não está restrito à utilização de instrumentos, demanda uma gama de recursos já disponíveis, mas também a sua autoformação. Estando ciente de que o trabalho do professor do componente curricular impacta a atuação do tutor e, de efeito, o deste impacta o daquele, buscamos uma assertiva de Almeida e Silva (2011) de que “a disseminação e uso de tecnologias digitais, (...) favoreceu o desenvolvimento de uma cultura de uso das mídias e, por conseguinte, de uma configuração social pautada num modelo digital de pensar, criar, produzir, comunicar, aprender – viver” (p.4). É indiscutível, portanto, que a presença das TDIC reconfigura as conexões entre modos de ser, pensar coletivos e individuais, alimentados pelos hipertextos, imagens digitalizadas, vídeos, áudios etc. Advogamos como imprescindível que o professor se aproprie dos saberes tecnológicos trazidos pelas TDIC e sistematize-os em sua prática pedagógica, em parceria com os tutores dos cursos.

## **3 PERCEPÇÕES ALUSIVAS À TUTORIA EDUCACIONAL NO BRASIL**

Como já frisamos, a LDB, já preconizava em 1996 a implementação de “Programas de Educação à Distância”, em todos os níveis e modalidades do sistema brasileiro e propunha o uso sistemático das

tecnologias digitais no ensino, tanto digitais quanto analógicas. Mas, em se tratando de ensino à distância e para nos atermos ao campo específico da tutoria que tratamos aqui, vamos discutir neste texto mais detidamente acerca das estratégias e ferramentas de cunho digital, nos moldes das tecnologias da informação e da comunicação (TIC).

Creemos porém, que no campo das políticas públicas voltadas às metodologias ativas, a propositura mais robusta foi a criação, em 2005, do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Essa iniciativa propôs de forma pioneira e arrojada a articulação de importantes e consolidadas universidades públicas, possibilitando o Ensino Superior público de qualidade aos rincões deste país. Com a UAB nasceu a ideia de redes de relacionamento educacional à distância em caráter institucional e nacional. Kohn & Moraes (2007), afirma em outras palavras, e nós pactuamos, que este *pool* de instituições públicas de educação superior, aliado a polos municipais e estaduais de apoio presencial, configura-se como uma ousada iniciativa do Ministério da Educação (MEC). Isso possibilitou consolidar as bases para uma universidade aberta e à distância, atuando preferencialmente na formação inicial e continuada de professores da Educação Básica. O Sistema UAB não propõe a criação de uma nova instituição de ensino, mas sim, a articulação das já existentes, numa proposição de formação de redes de relacionamento educacional acadêmico de educação à distância. E sobre o uso de recursos digitais em prol do ensino, estratégia fundamental da modalidade de EAD, Moré et al (2010) afirma que “por ser um processo proativo, (...) exige constante comunicação entre os agentes envolvidos, além de uma constante motivação dos mesmos para a utilização dos recursos corretos e de forma efetiva.” (p.105).

Já sabemos, então, a essa altura que o estudo no formato da EAD está focado na autonomia do aluno e na flexibilidade de seus estudos, ou, como se convencionou denominar, são as “metodologias ativas” que devem reger esse “novo” comportamento estudantil, ou seja, fazer com que o aluno seja sujeito de sua própria aprendizagem. Isso requer, além da autonomia, autodeterminação, disciplina, foco nos objetivos, manejo das ferramentas *online*, *off-line*, de *software* e às vezes até de *hardware*. Nesse formato de estudo não presencial, ou em alguns casos, semipresencial, a ‘aprendizagem ativa’ ocorre quando o estudante aprende de forma processual com teoria, prática e reflexão, com autonomia, planejamento, automotivação, administração do tempo, comunicação, organização, flexibilidade e trabalho colaborativo. Ainda segundo Moré et al (2010), o tutor é a pessoa que melhor precisa se familiarizar com os procedimentos de um curso, incluindo suas normas e avaliação, bem como com os conteúdos desenvolvidos pelos docentes e estudantes.

Nessa mesma linha, para Belloni (2003), ao tratar de suporte em educação à distância, alude para “as inovações educacionais decorrentes da utilização dos mais avançados recursos técnicos para a educação (...), mas também as técnicas de planejamento inspiradas nas teorias de sistemas, por exemplo” (p.118). Nisso vemos uma concepção bastante irrepreensível no que tange ao ensino à distância e ao trabalho do tutor. Assim como acatamos que é preciso uma “transposição do mundo real, para o mundo tecnológico” porque isso “minimiza as dificuldades iniciais dos alunos mais despreparados e diminui as evasões, uma das grandes preocupações em EAD, (MARTINS et al., 2001, p. 101).

A tutoria educacional atua como uma orientação acadêmica para estimular o aluno a ir um pouco mais à frente em seus estudos e não sucumbir diante de eventuais obstáculos em relação ao uso de ferramentas digitais, conectividade etc. O tutor deve sugerir a melhor forma de organização das atividades acadêmicas, repositórios, arquivos de mídias, disciplinamento de tempo de estudo, sempre buscando a autoaprendizagem do estudante, com base na construção da forma mais adequada e individual do binômio tempo/espaço de aprender. Essas atribuições são válidas também para o tutor presencial. Esses imprescindíveis profissionais da educação à distância têm o desafio de criar um diálogo personalizado com cada estudante. Num país gigantesco como o nosso, é essencialmente pelo trabalho do tutor que se torna possível a pessoas comuns, o acesso à educação superior pública e de qualidade. Isso é um

importante fator de redução das desigualdades socioeducacionais que separam muitos estudantes do sucesso em suas carreiras. Por conseguinte, já se pode consentir que no trabalho de suporte ao aluno, é importante empregar, além dos elementos de empatia, as tecnologias educacionais em vigor. Essas percepções se coadunam com algumas ideias de Moran (2013), quando afirma que:

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. (p.1).

Este autor ainda disserta que “a aprendizagem se constrói (...) entre três movimentos principais: a individual; a grupal e a orientada, (...), com um especialista um professor” (p. 3), seja face a face com o aluno ou de forma remota. Aí nós acrescentamos o “movimento” do tutor. Endossamos que as chamadas “metodologias ativas” implicam mudanças na estrutura do processo educacional dito “tradicional” e para compô-la são requeridos investimentos não somente público em instalações, equipamentos, sinal de internet e *softwares*, ou aparato tecnológico nos moldes dos já obsoletos laboratórios de informática, mas também será exigido de professores, tutores, monitores e estudantes uma nova abordagem diante da gama de possibilidades para a produção e propagação do conhecimento por meio de aulas remotas. De acordo com a “taxonomia de Bloom”, citada por (FERRAZ; BELHOT, 2010), em se tratando do domínio cognitivo, ações relacionadas aos objetivos de aprendizagem se tornam mais evidentes com a EAD. São elas: lembrar, entender, aplicar, analisar, sintetizar e criar. Além disso, ainda segundo Oliveira (2019), não se pode “esquecer de que o uso intencional pedagógico das TIC pode fomentar o desenvolvimento e a aplicação de metodologias ativas mais enriquecidas do que aquelas facilmente aplicáveis à educação presencial. (p. 6). Isso inclui, de forma inevitável, as atividades de tutoria educacional.

Para agregar respaldo a essas proposições sobre a EAD como “ferramenta de trabalho” (grifo nosso) do tutor, buscamos uma contribuição de (EMERENCIANO; SOUZA; FREITAS, 2009), quando afirmam que os envolvidos nos processos de tutoria educacional “precisam aprender a aprender, isto é, buscar sempre novos conhecimentos e propor melhorias aos processos de suporte ao aluno. Dessa forma promovem o “*empowerment*”, que significa delegar a participação, a autonomia e o poder de decisão às pessoas. (p. 69).

É notório que as pessoas mais afeitas a comunidades de aprendizagem terão mais familiaridade às mudanças nas formas de estudo contemporâneas, com maior autonomia, inclusa aí a EAD. Isso vale também, obviamente, para o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo no tocante às novas tecnologias digitais. Especialmente nos cursos à distância, percebe-se que virtudes como motivação e autonomia constituem fatores imprescindíveis, pois propiciam mais flexibilidade para aquisição, interpretação e aplicação de conhecimentos. Por conseguinte, os alunos que terão maior aproveitamento dos conteúdos disponibilizados nas plataformas de aprendizagens serão os que dispuserem de mais tempo, concentração e disciplina para cumprir o calendário de estudos propostos.

### 3.1 A “presença” do tutor à distância

Nos nossos estudos sobre Tutoria Educacional. Atendimento presencial e *online* tivemos mais uma vez o diálogo com estratégias de ensino à distância como a *blended learning*, que combina atividades *online* com o apoio de ambientes virtuais de aprendizagem em atividades presenciais. Este recurso já está há alguns anos em plena execução e expansão no Brasil, o que nos faz refletir que não são as metodologias ativas si não dão conta de todos os problemas de aprendizagem que enfrentamos. Cremos que ainda será por tempo indeterminado, necessária uma “presença” com ação intencional do docente ou, nesse caso, um tutor, que possa selecionar e aplicar corretamente a metodologia ativa, dando sentido

pedagógico ou “andragógico” (grifo nosso), perfeitamente conectada a uma tecnologia educacional segura, acessível e comum aos usuários.

De acordo com Valente (2014) as dificuldades postas inicialmente no ensino em EAD “têm sido superadas à medida que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão sendo utilizadas na educação e passam a fazer parte das atividades de sala de aula. (p. 82). Segundo este autor, essas tecnologias, ao alterarem a dinâmica da escola e das aulas, especialmente em relação a tempo, espaço “e recursos” (grifo nosso), reconfiguram as “relações entre o aprendiz e a informação, as interações entre alunos, e entre alunos e professor” (p.82). A *blended learning* (ensino híbrido), defendida por Valente (2014), sem dúvida favorece à *flipped classroom* (sala de aula invertida), termo também usado por este autor, como uma das possibilidades já em expansão no Brasil, inclusive na educação básica atualmente, em razão da pandemia do novo coronavírus.

Por estas e outras razões aqui expostas, vislumbramos que na EAD a interação entre professor e estudantes ocorre de forma indireta e precisa ser implementada por profissional capaz de conduzir uma combinação de mídias e tecnologias, num viés de certa dependência discente em relação à mediação educativa maior que nos estudos presenciais. Nesse ponto adquirem relevância as atribuições e o papel do tutor à distância, colocando-o como protagonista dentro do paradigma da educação à distância em franca expansão. É o tutor *online* que, de um espaço diferente em que o aluno se encontra, com domínio do conteúdo e em parceria com o tutor presencial, dará o suporte pedagógico e didático ao docente da disciplina em questão, aos estudantes para que o curso aconteça pacificamente. Sua comunicação pode ser impressa ou online. Este profissional, em um espaço diferente daquele em que o aluno se encontra, com um bom domínio do conteúdo, deve atuar em três frentes: junto ao aluno, ao coordenador da disciplina ou do polo de apoio e aos seus colegas tutores presenciais. Sua comunicação pode ser impressa ou *online*. Segundo Belloni (2003) o professor tutor “orienta o aluno em seus estudos relativos à disciplina pela qual é responsável, esclarece dúvidas e explica questões relativas aos conteúdos da disciplina; em geral participa das atividades de avaliação” (p.83).

Em outra vertente da mesma linha de investigação que adotamos, Neder (2000) discute a tutoria como uma orientação acadêmica e ressalta que durante o processo de acompanhamento o tutor precisa estimular e motivar o aluno, além de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades acadêmicas e de autoaprendizagem. Em seu texto, esta autora afirma que:

“O processo dialógico que se estabelece entre aluno e orientador deve ser único, porque num tempo/espaço de cada um dos alunos em particular, de maneira diferente do que acontece na relação educacional tradicional, em que o tempo e espaço são objetivados, descarnados da subjetividade do sujeito.” (NEDER, 2000).

### 3.2 O Tête-à-tête do tutor presencial

Especificamente em relação ao tutor presencial, podemos depreender dos presentes estudos desta Especialização em Formação de Tutores da UNIBF, que a essência da atuação deste imprescindível profissional é mesmo o contato face a face com estudantes, docentes e coordenadores de curso. Nisso certamente está presente a questão da afetividade, ética, empatia e domínio de conteúdo. O tutor presencial tem como objetivo auxiliar o estudante a buscarem uma atitude mais ativa em seus estudos, daí se falar em “metodologias ativas” em relação à aprendizagem. Motivar esse aluno se adaptar às novas tecnologias educacionais como um recurso familiar, buscando mais interação e autonomia para aprender. É o tutor que vai ofertar apoio didático ao aluno, incentivando-o a ele mesmo, solucionar algumas de suas dúvidas, de forma individualizada, mas sempre procurando construir uma cultura de trabalho colaborativo com colegas e outros professores. Tem que haver, óbvio, compromisso do aluno em relação a prazos, qualidade das atividades e avaliações.

Obviamente é imprescindível o contato pessoal face a face, numa abordagem deveras de âmbito afetivo, envolvendo atitudes e emoções que dão suporte aos estudos à distância. A tutoria presencial tem como objetivo ajudar o estudante proveniente da educação presencial em que geralmente assume uma postura mais passiva em relação à aprendizagem, a se adaptar a uma modalidade distanciada. Essa modalidade, como vimos enfatizando, exige maior iniciativa e autonomia do estudante no processo de aprendizagem. O tutor presencial deve também ofertar apoio didático ao aluno em suas dúvidas, procurando um atendimento mais personalizado, avaliando o compromisso individual, fomentando a socialização dos educandos.

Segundo Moré (2010), os tutores presenciais também atuam diretamente com os estudantes nas atividades administrativas do curso, tais como o planejamento e acompanhamento dos seminários temáticos, que são atividades presenciais realizadas nos polos de ensino, e envio e recebimento de materiais voltados ao curso. Em razão do contato presencial com os estudantes, possuem papel fundamental na motivação destes acadêmicos. Os tutores presenciais devem construir pontes midiáticas entre os estudantes e o tutor à distância para encaminhamento e solução de possíveis problemas.

A percepção e reflexão intuitiva do tutor presencial com relação a sua prática profissional levam-no a pensar, do ponto de vista teórico e prático, sobre a mediação pedagógica, numa perspectiva interacionista, que fundamente a atividade de tutoria em polo de apoio presencial de EAD.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, fica evidente que não somente o tutor, mas todas as pessoas que trabalham com atividades de EAD, sejam institucionais de grande porte ou em pequenas redes escolares, também precisam aprender a aprender nesse não tão novo jeito de estudar. É mister buscar sempre novos conhecimentos e propor melhorias nos processos de suporte a estudantes e profissionais envolvidos. A isso se pode agregar o chamado *empowerment*, que em outras palavras é fomentar a participação, mas sobretudo provocar o poder de decisão às pessoas envolvidas, buscando de forma colaborativa resolver os problemas técnicos ou conceituais que surgem no ensino à distância. Para isso é importante a capacidade de liderança dos atores da gestão educacional, das plataformas digitais de aprendizagem, dos polos de apoio presenciais dos cursos *online* e de quem possui o poder legítimo de tomar decisões que impactam o fazer pedagógico e didático dos estudos.

Em outro aspecto concernente à educação à distância e inevitavelmente ao trabalho do tutor, vimos que a relevância da chamada *blended learning*, ou ensino “híbrido”, defendida por Valente (2014), como uma alternativa possível à demanda crescente por EAD no Brasil, inclusa aí a educação básica mesmo, em razão do contexto social pandêmico de saúde pública, a reconfigurar de forma impositiva e por tempo indeterminado o novo *modo vivendi* e *modus operandi* da educação. E como ferramentas disponíveis e imprescindíveis a esse paradigma, estão as TDIC a moldar os novos jeitos de planejar o ensino, o uso mais intenso dos hipertextos, da multimídia, em suma das tecnologias digitais da informação e da comunicação. Cabe, então ao professor e, nesse nosso caso, ao tutor, se apropriarem desses saberes tecnológicos, sistematizando-os em sua prática pedagógica.

Finalmente, em nossas discussões mostrou-se patente que uma característica inerente do tutor presencial ou à distância, mesmo estes não sendo professores, é de mediador da aprendizagem, humanizando processos, metodologias e atitudes e proporcionando oportunidades de interação entre os atores da EAD, localmente. Certamente, o tutor precisa ter garantidas em sua formação algumas condições imprescindíveis, quais sejam: competências de conhecimento técnico e científico específico de sua área de atuação (isso inclui a adequada utilização de multimídia); compreensão de problemas de aprendiza-

gem; aplicação de métodos socialmente construídos e aceitos pelo público com quem trabalha; análise e síntese de fenômenos sociais presentes e, finalmente, condições de avaliação de processos e resultados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elisabeth B. de; SILVA, Maria das Graças Moreira da. **Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo**, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/5676/4002>. Acesso em 19 ago. 2017.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 3ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB**. 9394/1996. São Paulo, Saraiva, 1996. Disponível em: [http://www.nead.ufmt.br/documentos/A\\_orientacao\\_Academica\\_Lucia\\_06.doc](http://www.nead.ufmt.br/documentos/A_orientacao_Academica_Lucia_06.doc). Acesso em 16 ago. 2020.

EMERECIANO et al. **Ser presença como educador, professor, tutor**. (in CURSO TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO. FUNDAMENTOS E PRÁTICAS NA EAD. Professores, Tutores e Alunos de Educação à Distância. MEC, 2009. Disponível em: [http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo\\_amb\\_saude\\_seguranca/tec\\_seguranca/educ\\_dist/291012\\_edu\\_dist\\_a06.pdf](http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_amb_saude_seguranca/tec_seguranca/educ_dist/291012_edu_dist_a06.pdf). Acesso em 25 ago. 2020.

FERRAZ APCM, BELHOT RV. **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais**. Gest Prod. 2010; 17(2):421-31.

MARTINS et al. **O suporte em Educação a Distância**, Revista Cobenga, 2001.

KOHN, Karen; MORAES, Cláudia Herte de. **O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital**. UFSM/CesnorsIntercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**, 2013. Disponível em <https://goo.gl/EDXk1K>. Acesso em 18 ago. 2020.

MORÉ et al. **MODELO DE GESTÃO PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: O SISTEMA DE ACOMPANHAMENTO AO ESTUDANTE – SAE RAI** – Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 104-125, abr./jun. 2010.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. **A orientação acadêmica na educação a distância: a perspectiva de (re)significação do processo educacional**, 2000.

OLIVEIRA, Edison Trombeta de. **INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – EAD**, Tese de doutorado em Educação, USP, 2019.

SOBRAL, Maristela. **TUTORIA PRESENCIAL DE PÓLO DE APOIO EM EAD: UM DIFERENCIAL PARA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**. CORTINHAS – UNOPAR, 2008

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/uab/o-que-e-uab> Acesso em: 15 ago. 2020.

VALENTE, José Armando. **Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 79-97. Editora UFPR. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf>. Acesso em 25 ago. 2020.